

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal de Brasília

Class.: 517

Data: 02/07/85

Pg.: _____

Demissão de Coxini leva crise à Funai

O chefe do gabinete da Fundação Nacional do Índio, Daniel Coxini, colocou ontem seu cargo à disposição sob o argumento de que «não há seriedade no órgão tutor, nem plano ou perspectiva de trabalho, e, em consequência, as comunidades ficam desassistidas». Ele prometeu voltar ao Parque Indígena do Araguaia, na Ilha do Bananal, «para trabalhar de perto pelos índios». Condenou por inoperância o superintendente da Funai, Apoena Meirelles, «que não está fazendo nada à frente do cargo, assim como outros dirigentes». Mas, fontes estreitamente vinculadas à causa indígena, dão outra versão para a atitude de Coxini:

— Na verdade, ele está aliado a um grupo de empresários que prometeu financiar-lhe sua campanha para deputado federal por Roraima — intenção política confirmada a uma emissora de TV —, sob algumas exigências. Uma delas, a do deputado Bento Porto (PDS-MT), malufista, é de que regresse à sua área para convencer os índios a permitirem a abertura da estrada Transaraguaia que corta o parque indígena na sua área sagrada. A oferta do deputado é de Cr\$ 1,4 bilhão.

No final de semana, Coxini deslocou-se para o Bananal com o parlamentar, que pediu segredo sobre a viagem. Eles regressaram no domingo e ontem Coxini, que até então apoiava todos os atos da Funai, e inclusive trabalhou pela candidatura de Apoena — que na verdade é quem preside o órgão, — decidiu «rebelar-se».

Bento Porto dirigiu o lobby que visava a construção de uma hidrelétrica na área dos índios Kaia-by, no norte de Mato Grosso, conseguindo recentemente o seu intento. De acordo com a mesma fonte, o empresário José Altino Machado, que comandou a invasão ao garimpo de Surucucu em território dos índios Yanomami, no território de Roraima, que tem sido visto frequentemente acompanhado de Coxini, também é um dos que lhe

ofereceu financiamento para a campanha ao cargo de deputado por aquele território.

Segundo Apoena, que não quis comentar a decisão de Coxini, esta pode ter sido tomada «em acordo com o presidente da Funai», um mato-grossense que se encontrava viajando.

Ao ser indagado se haveria, de fato, este acordo, Coxini desconversou. «Sabe-se que Gerson, com apoio do Ministério do Interior, tem a idéia de extinguir o cargo de chefia de gabinete, pois entenderam que com a saída de Coxini não haverá clima para colocar um branco em seu lugar, e outro índio pode ser perigoso aos interesses dos brancos dirigentes do órgão».

Algumas lideranças indígenas articuladas desde ontem indicaram, ainda em caráter extra-oficial, o nome do vice-diretor do Parque Indígena do Xingu, Yamakulá Kamaiurá, um dos mais cotados para representar as comunidades silvícolas na Constituinte de 86, para ocupar o cargo deixado por Coxini. Ele passou no vestibular para Odontologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, mas preferiu voltar à sua tribo.

O ex-chefe de gabinete da Funai, hoje assessor para Assuntos da Cultura Indígena do Ministério da Cultura, índio Marcos Terena, ao ser informado da atitude de Coxini e da possível extinção do cargo disse:

— Acredito que a Nova República não vai deixar que a Funai casse um posto de equilíbrio entre uma sociedade e outra. Esse posto não foi concessão do governo para os índios, mas uma conquista das comunidades diante dos novos tempos vividos pelo País.

Até o final da tarde, Coxini variou um pouco o tempero dos seus argumentos, chegando a culpar o ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto, de não estar liberando verba para a Funai, desagradoado com as pressões que teria sofrido por parte dos índios Xavante de Mato Grosso indicar Gerson e Apoena.